O NEOFASCISMO NO PODER (ANO I)

Análises críticas sobre o governo Bolsonaro

ORGANIZAÇÃO DE
JULIANA FIUZA CISLAGHI E FELIPE DEMIER

TEXTOS DE
ANA ELIZABETE MOTA, CARLOS ZACARIAS DE SENA JÚNIOR, CLEIER MARCONSIN,
ELAINE ROSSETTI BEHRING, GILBERTO CALIL, GUILHERME LEITE GONÇALVES,
MARCELO BADARÓ MATTOS, MIRA L. M. CAETANO, TATIANA POGGI E VALÉRIO ARCARY

CONSEQUÊNCIA

Scanned with CamScanner

JULIANA FIUZA CISLAGHI E FELIPE DEMIER
(ORGANIZADORES)

O neofascismo no poder (ano I)

Análises críticas sobre o governo Bolsonaro

Ana Elizabete Mota
Carlos Zacarias de Sena Júnior
Cleier Marconsin
Elaine Rossetti Behring
Gilberto Calil
Guilherme Leite Gonçalves
Marcelo Badaró Mattos
Mira L. M. Caetano
Tatiana Poggi
Valério Arcary

CONSEQUÊNCIA

Scanned with CamScanner

© 2019 dos autores

Direitos desta edição reservados à
Consequência Editora
Rua [illegible] Machado, 9 sobreloja 235
Centro - Cep: 20.080-405
Rio de Janeiro - RJ
Brasil
Contato: (21) 2233-7935
editora@consequenciaeditora.com.br
www.consequenciaeditora.com.br

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei no 9.610/98).

Conselho editorial
João Rua
Álvaro Ferreira
Ruy Moreira
Carlos Walter Porto-Gonçalves
Marcelo Badaró Mattos
Marcos Jacquet
Timo Bartholl

Coordenação editorial e projeto gráfico Consequência Editora

Revisão Patrícia Mafra

Capa Letra e Imagem. Sobre tela de Hieronymus Bosch, *Salita al Calvario*, circa 1516.

Diagramação Luiz Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

N438
O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro / Juliana Fiuza Cislaghi, Felipe Demier. - Rio de Janeiro : Consequência, 2019.
240 p. ; 15,5 x 23cm.
Inclui bibliografia e índice.
ISBN: 978-85-69037-77-2
1. Política. 2. Neofascismo. 3. Governo. 4. Brasil. 5. América Latina. I. Cislaghi, Juliana Fiuza. II. Demier, Felipe. III. Título.

2019-2374

CDD 320.981
CDU 32(81)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

SUMÁRIO

Apresentação ____ 11
Juliana Fiuza Cislaghi e Felipe Demier

CAPÍTULO 1. Mais que uma analogia: análises clássicas sobre o fascismo histórico e o Brasil de Bolsonaro ____ 17
Marcelo Badaró Mattos

CAPÍTULO 2. Gramsci e o fascismo ____ 47
Gilberto Calil

CAPÍTULO 3. Fascismo à brasileira ____ 69
Tatiana Poggi

CAPÍTULO 4. Bolsonaro é ou não um neofascista? ____ 101
Valério Arcary

CAPÍTULO 5. Democracia e bonapartismo no Brasil pós-Golpe ____ 117
Felipe Demier

CAPÍTULO 6. A cultura da crise e as ideologias do consenso no ultraneoliberalismo brasileiro ____ 135
Ana Elizabete Mota

CAPÍTULO 7. Crise, expropriações e autoritarismo ____ 149
Guilherme Leite Gonçalves

CAPÍTULO 8. Emprego ou direitos: a "escolha de Sofia" dos trabalhadores na contemporaneidade brasileira ____ 161
Cloves Marcolino, Mira L. M. Caetano

CAPÍTULO 9. Crise do capital e ultraneoliberalismo: a capitalização da Previdência Social no Brasil ____ 179
Juliana Fiuza Cislaghi

Scanned with CamScanner

CAPÍTULO 10. O protofascismo bolsonarista e a universidade pública no Brasil 205
Carlos Zacarias de Sena Júnior

CAPÍTULO 11. Devastação e urgência 223
Elaine Rossetti Behring

Sobre as autoras e os autores 238

À Katia, à Cristina e a todas as mães que lutam contra o fascismo dos tempos atuais

Scanned with CamScanner

CAPÍTULO 3

Fascismo à brasileira

Tatiana Poggi

Introdução

Este texto pretende discutir o avanço da onda conservadora e da cultura do ódio no mundo contemporâneo, atentando especialmente para o crescimento e popularização de projetos com caráter fascista. Nesse contexto, faremos um esforço para encontrar contornos um pouco mais definidos para entender o caráter político-ideológico do projeto de sociedade defendido pelo atual governo brasileiro. Tal reflexão se faz necessária e urgente diante da inquietação e confusão crescente em torno de um projeto que defende uma política econômica neoliberal, assentada no livre mercado e em políticas de austeridade, juntamente com propostas de exclusão, violência, ódio e intolerância contra determinados grupos sociais identitários e desprivilegiados. Seria o projeto do atual governo uma forma conservadora de liberalismo? Liberal na economia, conservador nos costumes? Liberalismo se limitaria, então, à defesa do livre mercado, a uma política econômica? Fascismo? Como se apresentaria o fascismo em nossos dias? Diante de um cenário de tamanha insegurança, medo e desespero social, é preciso tentar achar respostas. Não respostas definitivas, mas ao menos algumas pistas de modo a tentar entender como chegamos a esse ponto e buscar superar uma crise civilizacional com múltiplas dimensões: social, econômica, política, psico-cultural, moral e ética. Uma crise humana, diga-se em verdade, pois o que está colocado diante de nós é uma proposta desumanizadora, uma sociabilidade desumana, a barbárie.

Desse modo, faz-se necessário passarmos, ainda que brevemente, pelo debate em torno de conceitos como fascismo, conservadorismo e liberalismo, de modo a perceber as particularidades desses projetos e regimes

Scanned with CamScanner

políticos. É certo que, ainda que usemos conceitos forjados no passado e ainda que observemos permanências sociais de uma determinada forma de organização e reprodução social, essas formas nunca serão totalmente iguais à experiência pretérita, posto que o presente não é uma reencenação do passado. Ainda que inspiradas no passado, as experiências presentes não o reproduzem de todo, pois não há como reproduzir as condições sociais do passado, mentalidades do passado, desafios e correlações de forças do passado. As condições históricas do mundo se alteraram; o capitalismo se desenvolveu, suas formas de acumulação e reprodução se intensificaram e flexibilizaram; o sistema internacional foi alterado e reinventado; experiências como o Holocausto e seu impacto mundial não podem ser apagados. Esta reflexão enseja, portanto, um trabalho comparativo não apenas de ideias políticas, como também das condições sociais nas quais propostas políticas conservadoras e fascistas ganham espaço e repercussão. Portanto, pensar liberalismo, conservadorismo e fascismo hoje significa pensá-los dentro das condições sociais presentes; forças políticas, perspectivas sociais atuantes dentro de uma determinada forma de estruturação do capital, mundializado e financeirizado, em uma determinada conjuntura de crise.

Teorias e conceitos

O conservadorismo moderno surgiu em reação às transformações e desafios trazidos pela modernidade no mundo ocidental, especialmente a partir do Iluminismo e do avanço das filosofias racionais. A gênese do conservadorismo está entrelaçada com a gênese da sociedade capitalista e das filosofias burguesas, emergindo como reação direta ao mundo burguês em formação e à vitória das revoluções burguesas, buscando resgatar princípios como: apreço à tradição e aos costumes; respeito a ordenamentos, hierarquias e a preservação de estruturas de poder naturalizadas. Para os conservadores, os indivíduos e grupos sociais são naturalmente desiguais. Como manifestação da natureza, a humanidade não estaria isenta de desigualdades, violências e demais agruras da vida; assim é a vida na natureza, assim é a vida humana. Há certamente um elemento de conformismo e legitimação do poder nessa narrativa, levando a que tanto o pensar quanto o agir em resistência sejam sumariamente censurados e condenados.

Porém, longe de defender retroceder no tempo, sendo avesso à mudança e ao progresso, a reação conservadora admite transformações, contanto que gradativas, moleculares, sem rupturas abruptas, dentro da ordem.[1] Nessa ótica, a mudança é entendida como evolução natural, desenvolvimento lento, gradual e constante; um movimento natural da humanidade, fazendo com que rupturas abruptas não sejam necessárias, uma vez que o novo é incorporado e reconfigurado para se adequar à ordem. E é por isso que as noções de conflito, debate, dissenso e revolução, todos exaltados pela cultura política liberal burguesa, são sumariamente rejeitados pelo pensamento conservador. Do mesmo modo, o individualismo exacerbado, esse sujeito transgressor, protagonista, na narrativa liberal, como agente da mudança a partir de si e visando somente seu interesse, é visto pelo conservador como insolente, uma criatura desprovida de respeito, honra e noção de comunidade. Na concepção conservadora, a comunidade, a história, a memória das gerações pretéritas e as forças sobrenaturais estão acima do indivíduo; ele deve-lhes respeito antes de tudo!

Forjado no seio da modernidade europeia, a história do liberalismo confunde-se com a história do capitalismo. O mundo burguês nasceu liberal e se desenvolveu nas mais diversas formas, contudo, sua gênese esteve historicamente ligada ao avanço do racionalismo, da defesa da propriedade privada, do individualismo e da busca da vantagem individual como motores do desenvolvimento social, do progresso e da prosperidade individual. Para os liberais, as ações humanas partem sempre do indivíduo, ele é o protagonista inconteste da história. Diferente do conservadorismo, não há nada acima dele, suas capacidades e vontades não têm nenhum limite. A busca pelo interesse próprio traria não apenas benefícios particulares, mas levaria também à prosperidade geral; a riqueza das nações, o progresso, nada mais é que o resultado da prosperidade de um somatório de indivíduos, um movimento natural garantido pela "mão invisível do mercado".

Uma tal busca desenfreada por lucro e vantagens individuais bem como os frutos das ações inspiradas por tais anseios precisavam ser legitimados. Como podemos observar nos escritos de Locke e posteriormente em

1 CARVALHO, Maria Bernadete Oliveira de. Ser conservador. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 50, jul. 2005; MAYER, Arno. *A força da tradição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987; BOBBIO, Norberto; PASQUINO, Gianfranco; MATTEUCCI, Nicola. *Dicionário de Política*. Brasília: EdUnB, 1992.

Scanned with CamScanner

Smith, o direito à propriedade é justificado e legitimado fundamentalmente pelo trabalho. Segundo os autores, é o trabalho, o agir do homem sobre o que a natureza coloca a sua disposição, que dá respaldo à propriedade, além de agregar valor à mesma.[2] Tal narrativa tem importância crucial na construção do imaginário liberal, pois dela derivam os argumentos em torno da lógica da meritocracia, da inexistência da dominação e de relações de exploração entre os homens. A propriedade privada, todavia, precisava ser garantida e protegida por outros meios além da narrativa e da cultura liberal. Eram necessários meios institucionais e policiais dotados de extrema força e capacidade de controle, isto é, era necessário o exercício de funções que seriam cumpridas pelo Estado (capitalista).

Ao longo dos séculos, surgiram correntes do liberalismo, algumas mais democráticas, inclinadas à defesa da ampliação da participação política e da inclusão social; outras mais conservadoras, preocupadas com a manutenção da ordem e temerosas das demandas dos setores populares, as "classes perigosas". Mesmo teóricos da democracia burguesa, como Jefferson e Tocqueville, defendiam uma democracia muito particular e ainda bem pouco inclusiva, feita com moderação e parcimônia; uma democracia conivente com escravidão, apartada das ruas e encastelada em seguras instituições parlamentares; uma democracia representativa, de seletos, como defendia Tocqueville.[3]

Apesar disso, as filosofias liberais estão comprometidas com um conjunto básico de pautas que o conservadorismo rechaça, como a igualdade civil ou o compromisso do Estado com a salvaguarda da vida. As filosofias conservadoras, entre as quais se localiza também o fascismo, naturalizam não somente a desigualdade socioeconômica, como também outras desigualdades, outros privilégios – como o de nascimento, de raça, de religião, o patriarcalismo –, uma vez que uma das características definidoras do conservadorismo é a naturalização e o respeito à ordem, às hierarquias, aos privilégios e à tradição. A histórica defesa liberal da igualdade civil, da liberdade e do direito à vida e à integridade física dos

2 LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo.* São Paulo: Abril Cultural, 1973; SMITH, Adam. *A riqueza das nações.* São Paulo: Nova Cultural, 1996. v. 1-2.
3 LOSURDO, Domenico. *Democracia ou bonapartismo.* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004. p. 243-294;
MERQUIOR, José Guilherme. *O liberalismo antigo e moderno.* Rio de janeiro: Nova Fronteira, 1991. p. 65-95.

indivíduos como compromissos garantidos pelo Estado foi a pá de cal no princípio do privilégio do nascimento, essencial para sustentação de qualquer sociedade conservadora. Juntamente com a garantia do direito à propriedade e aos direitos individuais – liberdade de ir e vir, liberdade de expressão, mobilização e organização política –, igualdade civil e salvaguarda da vida conformam um conjunto básico de prerrogativas necessárias para garantir as condições sociais de livre troca, trabalho assalariado e um ambiente propício ao investimento.

O fascismo historicamente nasceu das entranhas do liberalismo. Autores de diferentes tendências teóricas procuraram explicar o fenômeno que surgia no entre guerras, em meio a um contexto de destruição da Europa, crise estrutural do capitalismo e vitória de uma revolução socialista na Rússia. O fascismo surge e cresce como resposta a uma crise do capitalismo no entre guerras e, sendo assim, é perfeitamente possível observar um resultado similar diante de uma nova crise do capital, ainda que esta se apresente com contornos diferentes.

Assim, mais do que fenômeno datado ou típico da cultura ou desenvolvimento peculiar de certas nações, o fascismo é filho de crises em sociedades burguesas; emerge em cenários de crise estrutural do capital, uma crise de hegemonia de um determinado padrão de dominação e acumulação do capital, na qual nenhuma fração da burguesia se vê capaz de conduzir a direção da sociedade, ou seja, de levar a cabo um projeto de organização social da dominação. No entre guerras, essa crise se manifestou como crise do liberalismo, uma vez que esta era a forma de organização e reprodução do capital vigente. Diante da incapacidade dos setores de esquerda de mobilizar a classe trabalhadora e organizar um projeto alternativo de superação da crise, o fascismo surge como uma alternativa de solução para essa crise, sendo capaz de arregimentar em seu favor tanto setores do empresariado, uma vez que a proposta fascista não ataca o capitalismo enquanto relação social, e também amplos setores da classe trabalhadora, desesperados e cheios de medo. A alternativa fascista consegue promover, assim, a rearticulação das forças de uma burguesia em crise, necessária para geração de um novo ciclo de acumulação de capital sob o controle do Estado, bem como controlar uma potencial revolta anticapitalista dos setores populares, redirecionando o medo, o desespero e a insegurança no sentido do ódio e da destruição da oposição e de minorias étnicas.

Scanned with CamScanner

Além disso, é preciso distinguir o fascismo de outras formas tradicionais de organização autoritária do capital. Uma importante particularidade a ser destacada é seu viés eliminacionista de divergentes (oposição política) e diferentes (minorias e grupos subalternizados). Filho da crise, o fascismo se alimenta do desespero social, da falta de horizonte e perspectiva, cresce onde reina a desesperança. O fascismo se nutre do medo. É a política do medo! Sua resposta a esse cenário é a violência e o ódio direcionados a determinados grupos sociais, vistos como responsáveis pela crise e por todo infortúnio social vivido. Assim, o fascismo trabalha reacendendo velhos ressentimentos, preconceitos historicamente existentes nas sociedades, construindo bodes expiatórios representados pela oposição e por minorias locais e incitando o ódio contra estas. É construída toda uma narrativa, na qual certos grupos são culpabilizados por todo cenário de instabilidade, de crise, por todo descontentamento. Esse "outro" teria o poder de enfraquecer, degenerar e corromper a nação/pátria/raça, comprometendo a existência, perpetuação e progresso de um povo. Vistos como ameaça, a relação com tais grupos pode variar, desde o rechaço social aos indesejados, políticas de exclusão e controle social até o ponto de serem desumanizados, comumente comparados a animais e, por essa razão, não mais admitidos no convívio social. Fica claro, portanto, que, diferente do liberalismo, não há aqui nenhum comprometimento com a preservação da vida ou com a integridade física dos indivíduos. Contra os considerados inadequados, todos os tipos de exclusão e agressão são admitidos. Fica claro também que, num cenário como esse, não estamos a falar somente de repressão ou perseguição a lideranças, como observado em formas tradicionais de conservadorismo. Não basta criar um clima de tensão e terror. No momento em que se marca um determinando grupo como ameaça, dotado de um potencial degenerador, reprimir não é o suficiente; é preciso eliminar, retirar todo o grupo do convívio social de modo a preservar a saúde do padrão humano vislumbrado.

A construção desse viés eliminacionista se dá em meio à articulação e mobilização do próprio movimento fascista, ou seja, não é necessária a vitória e consolidação do fascismo como regime, ainda que, com o regime fascista propriamente instituído, as estruturas e instituições do Estado contribuam enormemente para a difusão desse tipo de visão. Um processo de fascistização, como já afirmava Poulantzas, é um processo social complexo e muito anterior à ascensão ao poder, ocorrendo no seio das

democracias liberais, brutalizando-as e naturalizando a barbárie gradativamente.[4] Nesse sentido, não é preciso sequer chegar a um cenário de fechamento do regime para que se ponha em curso um processo de fascistização, como podemos observar nos dias de hoje. Tal processo se articula como movimento mobilizador e engajador de massas, demandando investimento em estratégias de engajamento muito específicas, que, no caso do fascismo, passa por uma política de sedução e do espetáculo. Segundo Guerin, o fascismo exerce um fascínio ao construir toda uma mística fortemente adornada por símbolos que aludem à força, à honra, à grandiosidade, à disciplina e à ordem.[5]

O espetáculo político-social tornava-se ainda mais extenso e grandioso devido ao papel desempenhado pela propaganda e pelos meios de comunicação de massas. Diferente de ditaduras tradicionais que trabalham no sentido oposto, desengajando e desmobilizando, o fascismo arregimenta massas desesperadas e enfurecidas de trabalhadores, especialmente os saídos dos setores médios, aterrorizados diante da perspectiva de proletarização. O medo da proletarização é um grande combustível para o avanço do movimento fascista.[6] O fato é que o fascismo aprofunda ainda mais esses medos, fomentando um clima de tensão e guerra constante entre "superiores" e "inferiores". Assim como no conservadorismo, o projeto fascista é embrionariamente hierárquico, considera a desigualdade social, racial e econômica inerentes ao homem. Por isso, tem repulsa absoluta a qualquer tentativa de se estreitar desigualdades, derivando daí seu anticomunismo e antissocialismo virulentos. Fragilizados e vulneráveis, muitos passam a admitir a exclusão e eliminação do "outro" como saída para a (sua) crise e, assim, a barbárie vai gradativamente se tornando uma alternativa política aceitável.

Fascismo e cultura do ódio no tempo presente

O fascismo contemporâneo, como as históricas manifestações de fascismo no entre guerras, é uma resposta a uma crise estrutural do capitalis-

4 POULANTZAS, Nicos. *Fascism and Dictatorship*. NLB: London, 1974.
5 GUERIN, Daniel. *Fascismo y Gran Capital*. Madrid: Editorial Fundamentos, 1973.
6 Ibidem.

Scanned with CamScanner

mo; uma resposta à exacerbação das contradições inerentes ao sistema capitalista. Contudo, a crise contemporânea que começa a se evidenciar em meados dos anos 1970 é de um caráter distinto. Não se apresenta como crise do liberalismo, mas de outro padrão de organização e reprodução do capital, o fordista-keynesiano ou desenvolvimentista, caracterizado justamente pela forte presença do Estado como regulador e planejador social. Movimentos e organizações neofascistas se desenvolvem no seio do capitalismo monopolista-financeiro, em Estados de conformação político-econômica neoliberal e se proliferam de modo espetacular, engrossando suas fileiras de adeptos com os desesperançados setores subordinados em decorrência da crise da década de 1970.

As expressões de fascismo nos dias de hoje estão intimamente relacionadas com essa crise e com a vitória do neoliberalismo como paradigma mundial de reprodução do capital e, nesse sentido, não podem ser entendidas como um mero resgate do movimento passado. O fascismo hoje dialoga com essas realidades, com a falência dos projetos desenvolvimentistas, com as acusações de um Estado "inchado", com o impacto social das políticas de austeridade, da perda de direitos, da flexibilização e precarização do trabalho e o consequente depauperamento da classe trabalhadora. Como veremos, o fascismo se apresenta como alternativa, trazendo uma proposta salvacionista e imediatista aos efeitos da crise, porém, em termos de política econômica, o que se observa é uma continuidade e aprofundamento da agenda neoliberal, imposta agora pela força, de cima pra baixo, com toda a violência que caracteriza o fascismo.

Muitos autores já se debruçaram em formular hipóteses explicativas sobre as causas da crise e suas sucessivas intercorrências após a vitória do neoliberalismo.[7] Não me deterei exatamente no debate sobre as causas,

7 ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir (Org.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995; BRENNER, Robert. *O boom e a bolha*. Rio de Janeiro: Record, 2003; BRUNHOFF, Suzanne de. *A hora do mercado:* crítica do liberalismo. São Paulo: Unesp, 1991. CARCANHOLO, Reynaldo. Interpretações sobre o capitalismo atual. *Herramienta*, 2008. Disponível em: <https://herramienta.com.ar/articulo.php?id=630>. Acesso em: 15 out. 2019; CHESNAIS, François. *A mundialização do Capital*. São Paulo: Xamã, 1996; FONTES, Virgínia. *Reflexões im-pertinentes:* história e capitalismo contemporâneo. Rio de janeiro: Bom Texto, 2005; HUSSON, Michel. Le capitalisme embourbé. In: *Penser l'émancipation*. Paris: La Dispute, 2013. Disponível em: <http://hussonet.free.fr/lausan13.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019; MANDEL, Ernest. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Abril Cultural, 1982;

procurando neste momento refletir sobre algumas dimensões das democracias neoliberais que contribuem para o avanço do ódio e da intolerância, de uma cultura estreitamente ligada ao alargamento das desigualdades, da precarização da vida, do desespero, da falta de horizontes e da desesperança.

Segundo a hipótese que viemos desenvolvendo há algum tempo, é preciso atentar para a ligação entre as transformações sociais e as reações violentas (simbólica ou física) direcionadas a determinados grupos sociais. Visto desse prisma, as manifestações de intolerância não são somente manifestações de preconceitos, mas também expressões de um problema social mais profundo. Racismo, antissemitismo, homofobia, machismo, xenofobia, islamofobia e tantas outras discriminações não se resumem a uma questão de intolerância e preconceito; são em parte reações às transformações no sentido do deslocamento e rebaixamento social, os quais se constituem em em elementos perturbadores em tal magnitude ao ponto de gerar reações na forma da intensificação do ódio e da intolerância. Acreditamos que o mal-estar deriva justamente do caráter complexo e paradoxal da democracia contemporânea, um ambiente social que se nutre, reproduz e aprofunda mazelas. Nesse sentido, essas peculiaridades da contemporaneidade estariam conectadas, tornando urgente o desafio de relacionar o aprofundamento da desigualdade, da alienação, da apatia política e da desesperança com o aumento da banalização da injustiça social e das manifestações de ódio e intolerância.[8]

Isso porque a cultura do ódio contemporânea bebe de duas grandes fontes. Primeiramente, das estruturas sociais e históricas formadoras dos países onde se expressam, e daí deriva toda a discussão sobre preconceitos estruturais, ou seja, o fato de discriminações e preconceitos raciais, religiosos e/ou de gênero, por exemplo, estarem inscritos na formação histórica de diversas sociedades. São, muitas vezes, anteriores ao capitalismo, remetendo a formações sociais pretéritas, sociedades de tipo aristocrática, coloniais e escravistas, como é o caso do Brasil.

MÉSZÁROS, Istvan. *Para além do Capital*. São Paulo: Boitempo, 2009; SAAD-FILHO, Alfredo; JOHNSTON, Deborah. *Neoliberalism: a critical reader*. London: Pluto Press, 2005.
8 POGGI, Tatiana. Tempos de desencanto: as raízes profundas do ódio e da violência no tempo presente. In: ALMEIDA, Juniele; SCHITTINO, Renata; POGGI, Tatiana (Org.). *Política e violência:* desafios contemporâneos. Curitiba: Editora Prismas, 2016. p. 184-185.

Scanned with CamScanner

A desigualdade é outro aspecto, a meu ver, incontornável nessa discussão e que nos leva à reflexão sobre uma segunda grande fonte fomentadora do ódio e da intolerância no mundo contemporâneo: as relações de classe no capitalismo contemporâneo. Iluminar somente a dimensão da diversidade, afirmar que a luta contra discriminações deve se dar unicamente no campo das múltiplas identidades, da conscientização e de estratégias pedagógicas é ignorar a faceta social do problema, a faceta da desigualdade. É ignorar que a classe trabalhadora tem cor, credo, gênero e orientação sexual. É ignorar que a classe trabalhadora no capitalismo, sobretudo na periferia, foi essencialmente formada por esses sujeitos excluídos e discriminados em formações sociais não capitalistas, coloniais e escravistas.

Eles conformam ainda hoje as camadas mais vulneráveis da classe trabalhadora no capitalismo contemporâneo não por um resquício de preconceitos pretéritos, e sim porque, como tudo mais no capitalismo, o preconceito também é subsumido pelo capital, integrado de forma eficiente para maximizar sua reprodução ampliada. Por estarem em situação mais frágil e vulnerável, deles é extraída uma taxa ainda maior de mais-valia, ou seja, estão submetidos à superexploração pelo capital. E é por isso que é possível ver hoje um aumento exponencial do ódio em países periféricos de conformação étnico-racial variada complexa. O fascismo hoje cresce em países miscigenados. Como demonstra a pesquisa de Adriana Dias, a partir dos dados disponibilizados pelo sociólogo Tulio Kahn, do Instituto Latino-Americano para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente (Ilanud), há pelo menos 150 mil simpatizantes envolvidos em grupos neonazistas no Brasil. Valhalla, maior site neonazista brasileiro, tinha ao menos 200 mil visitas diárias antes de ser tirado do ar em 2007.[9]

Como podemos perceber, é interessante ao capital fazer crer que as manifestações de ódio e intolerância são um problema conjuntural, fe-

9 DIAS, Adriana. Entre inimigos: a construção do "Mal" nos grupos neonazistas. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26., 2008, Porto Seguro. p. 2. Disponível em: <http://www.aba.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2029/adriana%20dias.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019; DIAS, Adriana Abreu Magalhães. *Os anacronautas do teutonismo virtual*: uma etnografia do neonazismo na Internet. 2007. 311 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Unicamp, Campinas, 2007. p. 35.

nômenos marginais, restritos a um dado país ou a certas comunidades; algo que não se sabe muito bem como explicar; frutos da loucura, de uma maldade intrínseca a alguns indivíduos perturbados ou grupos imbuídos de uma cultura/religião afeita à violência e à devastação. É interessante ao capital fazer crer que opressão só existe na dimensão da diversidade, das identidades múltiplas, e não da desigualdade social. Insistir em entender expressões de ódio como simples ataques de loucos extremistas contra a liberdade de expressão e a diversidade é deveras limitado, ou melhor, é um viés de análise acrítico da democracia liberal, que tem de fechar os olhos e silenciar os ódios promovidos pela própria reprodução do capital. O que estamos vivendo é a reprodução ampliada do capital e do ódio.[10]

Outro aspecto que contribui enormemente para a expansão do fascismo e da cultura do ódio na atualidade encontra-se justamente em uma dimensão do imaginário do neoliberalismo, na qual se observa a exacerbação do individualismo e da lógica da competitividade para muito além do universo do trabalho, ao ponto de nos sensibilizarmos cada vez menos com injustiças e com o sofrimento alheio. A indiferença, a banalização da injustiça e a apatia política são os subprodutos diretos do aprofundamento da atomização do Ser. O neoliberalismo arrebenta os laços de solidariedade de classe, de solidariedade identitária e mesmo entre indivíduos. Esses aspectos não são exatamente novos no universo mental do capitalismo. Eles estão inscritos nos fundamentos da produção capitalista, da concepção do imaginário e da organização do mundo burguês. Se a produção dos meios de vida é alienada, isso se dá porque a relação do Ser com a natureza é alienada e, consequentemente, predatória. E se todos esses processos são sociais, ou seja, ocorrem por meio de relações, fica claro que a relação entre os homens é, consequentemente, alienada. Nesse sentido, o individualismo, a atomização do Ser e o esgarçamento dos laços comunitários, a lógica da meritocracia e a ênfase no esforço individual como único caminho para a prosperidade acabam estimulando certa indiferença para com o outro.

O que os recentes estudos sobre capitalismo contemporâneo nos revelam é uma exacerbação desses elementos, que obviamente levam ao aprofundamento de suas consequências sociais, em especial a partir do último quarto do século XX, em vista do fortalecimento da indústria cul-

10 POGGI, T., op. cit., p. 188 e 191.

Scanned with CamScanner

tural e de símbolos e representações assentados na competitividade, na lógica *do it yourself*, na pressão por vencer e em propostas de autoajuda. Dejours fala do sofrimento no mundo do trabalho, um sofrimento que vai muito além da questão salarial ou satisfação profissional, atingindo limites morais e sociais de colaboração com o capital. Suas investigações tratam do impacto mental e psicológico de um ambiente com altíssima competitividade e cobrança, que joga os trabalhadores uns contra os outros, fomentando delações, espionagens, traições, enfim, relações de animosidade e violência, não de colaboração. Essa dinâmica é mantida muitas vezes na base de ameaças de rebaixamento ou dispensa, bem como em humilhações públicas do outro como fraco, incapaz, incompetente ou mesmo afeminado. Esse nível de opressão e constrangimento gera um ambiente de trabalho hostil e inseguro, causando sofrimentos, traumas e adoecimentos diversos, ainda mais por serem impingidos pelos próprios trabalhadores sobre seus pares.[11] Agamben, em *O que resta de Auschwitz*, fala dos agentes do trabalho sujo, aqueles dedicados a vigiar, punir, controlar, apaziguar. O filósofo italiano se coloca a seguinte questão: como tolerar o intolerável? Ele responde através da infame zona de irresponsabilidade, na qual os sujeitos se acham incapazes de agir e procuram se esquivar da responsabilidade e do peso de se ver pressionado a conduzir a barbárie com argumentos do tipo "estar cumprindo ordens" ou mesmo "lavar as mãos".[12]

Essa falta de perspectiva e horizonte deriva em parte da crescente dificuldade ou mesmo incapacidade das sociedades liberais contemporâneas de garantir a integração social adequada e necessária à reprodução do próprio capital. Integração que pressupõe inserção no mercado (emprego, rendas suficientes para o consumo) e inserção social (direitos sociais, acesso à saúde, educação, cultura, previdência – perspectiva de futuro). Quando muito, o que nos é oferecido hoje é a uma cidadania mediada pelo mercado, no sentido em que cada vez mais a ideia de inserção social passa pelo consumo. Para largas parcelas da população mundial, ter acesso à educação, saúde e previdência só é possível através do mercado, ou seja, direitos sociais transformados em mercadoria. Consome quem pode pagar por elas. Isso afeta a relação entre os próprios trabalhadores,

11 DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
12 AGAMBEM, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2008.

pois cria clivagens tão grandes nas condições de vida entre eles, que passam a se devorarem, a se atacarem, inviabilizando uma luta conjunta.[13] "Quando a melhora no padrão de vida dos que têm emprego significa uma ameaça aos demais e a eles mesmos, os direitos sociais tornam-se um privilégio absurdo, e a manutenção da desgraça não é outra coisa que um imperativo da razão."[14] Sem capacidade de inserção social adequada, não há como se ter horizontes, perspectiva de futuro. O que se vê hoje é uma crise de expectativas sem tamanho.

O desespero da vida material se manifesta política e culturalmente como descrença, desesperança, apatia política e insensibilidade. Isso é passível de ser observado na retração de manifestações de indignação e mobilização social por justiça e solidariedade, no aprofundamento da indiferença. Como revela Wood, as democracias liberais contemporâneas são violentas, em boa medida antidemocráticas, pouco participativas, apáticas e profundamente excludentes. A autora observa que, ao longo da história das democracias liberais modernas, a cidadania foi ampliada, tornou-se mais inclusiva, porém passiva, pouco militante, alienada e alienante. Uma democracia participativa, pujante, livre, inclusiva e combativa é incompatível com o capitalismo.[15] Losurdo chega a caracterizar a sociedade contemporânea como um caso de bonapartismo *soft*, dado o alto nível de autoritarismo expresso nos atos patrióticos, na guerra preventiva, na falta de espaço para um debate real, no controle da mídia por megacorporações.[16] McChesney enfoca justamente o processo de formação dos grandes conglomerados de mídias, relacionando os avanços tecnológicos à concentração do capital e mostrando como isso compromete a difusão da informação (o que é transmitido, como é transmitido), o debate e a politização.[17]

13 CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos:* conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005; FONTES, Virgínia. *O Brasil e o capital-imperialismo:* teoria e história. Rio de Janeiro: EPSJV: Ed. UFRJ, 2010; PAULANI, Leda. *Brasil delivery:* servidão financeira e estado de emergência econômico. São Paulo: Boitempo, 2008; NEVES, Lucia Maria Wanderlei (Org.). *Direita para o social e esquerda para o capital*. São Paulo: Xamã, 2010.
14 VIANA, Silvia. *Rituais de sofrimento*. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 50-51.
15 WOOD, Ellen. *Democracia contra capitalismo:* a renovação do materialismo histórico. São Paulo: Boitempo, 2003.
16 LOSURDO, Domenico. *Democracia ou bonapartismo*. São Paulo: Unesp, 2004.
17 McCHESNEY, Robert. *Rich media, poor democracy*. New York: New Press, 2000.

Scanned with CamScanner

É inegável que todos esses elementos contribuem enormemente para mitigar não apenas o senso de solidariedade de classe, mas também o respeito com minorias e setores desprivilegiados, que conquistaram um maior nível de integração social, respeito civil e representatividade identitária no correr da Guerra Fria. No centro do capitalismo, esse contexto foi marcado pela inclusão, pela aceitação da diversidade e do multiculturalismo, e pela construção de uma cultura democrática. No Brasil, por conta da ditadura, essa cultura democrática de inclusão e respeito civil foi em grande medida construída posteriormente, ganhando força durante os governos do PT.

Isso gerou uma reação conservadora, ressentimentos por parte de setores tradicionais que viam uma cultura cosmopolita e aberta ganhar espaço, "tomando o lugar" de uma cultura local, tradicional, de raízes escravocratas e, portanto, conservadora. Já vimos como essa cultura tradicional é atravessada por uma série de preconceitos estruturais (racismo, patriarcalismo, conceitos de família tradicional heteronormativa). Uma tal concepção de mundo naturaliza preconceitos, banaliza discriminações e injustiças. Essa concepção está inscrita no senso comum –conjunto desorganizado de ideias variadas, contendo reminiscências de sociedades pretéritas, elementos de cultura popular e a base do imaginário da classe dominante – e por isso encontra tanta ressonância social. O projeto conservador cresce e encontra espaço, pois suas lideranças sabem articular habilmente esses preconceitos estruturais com um projeto antidemocrático, em um cenário de crise profunda, aliado à profunda indiferença, falta de solidariedade e banalização da injustiça.

O que vivemos hoje é uma forma de sociabilidade que nos afasta gradativamente de dimensões fundamentais do humano, no sentido em que não apenas deixamos de nos sensibilizar com o sofrimento alheio, mas de alguma forma sadicamente esperamos por ele, pois vemos nisso, ainda que de modo indireto, um caminho para o sucesso e a ascensão. Nos afastamos do outro e nos afastamos de nós mesmos, uma vez que as vendas invisíveis da alienação nos impedem de ver nossa própria exploração, nossa própria ignorância, nossa cidadania vazia de crítica, muda de voz e despida de direitos. Crescer e ascender socialmente significa cada vez mais esmagar o outro. Estamos diante de outro nível da meritocracia, no qual não basta simplesmente ser o melhor, o mais esforçado. É preciso

humilhar o outro, ostentar a vitória, espetacularizar o sucesso. Para subir na vida, temos que pisar no outro! Aí, sim, você "mitou".

É esse tipo de lógica comportamental que faz com que as pessoas fiquem mais propensas a naturalizar o ódio. E é aí que reside um elemento psicológico fundamental para o processo de fascistização, um gatilho tão essencial quanto as condições adversas da crise: a desumanização do outro. Cruzada essa linha, tudo é admitido contra o outro: encarceramento, expulsão em massa, tortura e até a morte. Essa deterioração moral é também um aspecto da crise estrutural e nos ajuda a entender como largos setores de uma sociedade, muitas vezes bem instruídos e cultos, encampam propostas eliminacionistas. Porque a eliminação já está inscrita na lógica da competitividade, é uma faceta cultural do capital, que, levada ao limite, enxerga o outro não mais como humano, sujeito, ser social, mas como obstáculo, coisa, objeto passível de ser eliminado. O fascismo é a autofagia do Ser. É o fim de todo o humano, de toda a humanidade.

Essa constatação sobre a realidade atual coloca nossa análise sobre o fascismo contemporâneo e sobre a cultura do ódio como problemas mundiais, elementos que conformam o capitalismo contemporâneo; um capitalismo que, longe de trazer as promessas da modernidade no sentido da emancipação, da prosperidade, da satisfação e da felicidade, nos aproxima a cada dia da barbárie, faz dela cotidiano e nos anestesia diante do horror e do sofrimento alheio. E é por isso que o problema do aumento da violência motivada pelo ódio e pela intolerância, ainda que guarde particularidades locais, pode ser constatado em todas as partes do mundo. Ainda que traga retórica nacionalista e patriotismo inflamados, o fascismo é um desafio mundial.

Atentar para esse nível estrutural da análise, de construção e consolidação do neoliberalismo no Brasil e no mundo, é fundamental para entendermos que a ascensão da extrema-direita consiste em um fenômeno muito mais complexo que o rechaço aos governos do PT, às suas políticas de inclusão mercadológica de setores menos favorecidos ou aos escândalos de corrupção que vieram à tona nos últimos anos. Esses últimos aspectos conformam uma dimensão conjuntural do problema.

O impacto político da vitória do PT e seus sucessivos governos não pode ser minimizado. Pode-se observar um relativo sucesso na capacidade de inclusão social e política, que, como já foi argumentado acima,

Scanned with CamScanner

se deu principalmente na forma de inserção no mercado de setores desprivilegiados e socialmente excluídos. Houve expansão, ainda que precarizada. Houve aumento do salário mínimo com ganho real registrado durante todo o período dos governos do PT.[18] As taxas de desemprego diminuíram sensivelmente, ainda que os índices de informalidade tenham se mantido escandalosamente altos, desnudando condições de trabalho precárias.[19] Como indicam os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) de 2012 e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em 2014, houve aumento de vagas e construção de novos *campi* em universidades e escolas técnicas, ainda que esses números sejam bem maiores em instituições privadas que públicas.[20] O Programa Universidade para Todos (ProUni), voltado para expansão das universidades privadas, recebeu mais recursos que o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), conformando uma verdadeira transferência de dinheiro público para a iniciativa privada. Como demonstrado nas pesquisas de Leher e Pereira, tal opção vem revelar uma política afinada com os interesses do grande empresariado de serviços e com as recomendações do Banco Mundial para a América Latina desde os anos 1990.[21] Situação similar pode ser encontrada no setor da saúde, privilegiando a expansão de planos de saúde privada, com isenções fiscais e outras facilidades, em detrimento de maiores investimentos no SUS.[22] A previdência é outro exemplo, pois foram implementadas duas reformas previdenciárias durante os governos do PT, em 2003 e 2013, e incentivada a alternativa da previdência privada e dos fundos de pensão, no caso do funcionalismo público. A conclusão a que chegam estudos recentes sobre os governos do PT é que estes não conformaram uma oposição real, alternativa ao neoliberalismo, ao contrário, deram continuidade à agenda de reformas estruturais e políticas de austeridade, cortando direitos, avançando nas terceirizações, mas mantendo altos níveis de aceitação com hegemonia, graças a políticas assistenciais e de inclusão mercadológica voltadas para setores fragilizados e vulneráveis da classe trabalhadora.[23]

Mesmo com tantas contradições, recuos e estratégias de conciliação com os interesses do empresariado, tais políticas geraram uma reação feroz contra os mais pobres. A reação foi alimentada pela grande mídia, contribuindo para a construção de um ambiente ainda mais agudo de tensão social. Invariavelmente, a tática de conciliação de classes apresentaria seus limites. Esses limites ficaram explícitos durante os protestos de 2013. Aqueles meses críticos de protesto desnudaram insatisfações e demandas legítimas dos trabalhadores, o grito angustiado de jovens clamando por uma perspectiva de futuro, a repressão violenta promovida por governos da base aliada do PT e também o despontar da face mais

18 SALÁRIO mínimo não tem aumento acima da inflação pela 1ª vez desde 2003. *G1*, 2 jan. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/salario-minimo-nao-tem-aumento-acima-da-inflacao-pela-1-vez-em-13-anos.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2019.

19 BRASIL. País fecha 2012 com menor taxa de desemprego desde 2002. 31 jan. 2013. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2013/01/pais-fecha-2012-com-menor-taxa-de-desemprego>. Acesso: 20 jan. 2019; INFORMALIDADE, a cara da crise no Brasil. *Deutsche Welle*, 20 fev. 2017. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/informalidade-a-cara-da-crise-no-brasil/a-37604603>. Acesso em: 20 jan. 2019.

20 LULA e Dilma: mais alunos nas universidades e mais eleitores graduados. *Palavras Diversas*. Disponível em: <https://blogpalavrasdiversas.wordpress.com/2014/08/05/lula-e-dilma-mais-alunos-nas-universidades-e-mais-eleitores-graduados/>. Acesso em: 20 jan. 2019.

21 SANTOS, D; SANTOS, L. A reforma universitária do governo Lula: continuidade ou ruptura com o projeto neoliberal? JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, MUNDIALIZAÇÃO E ESTADOS NACIONAIS, 2., São Luís (MA), 2005. *Anais...* Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppII/pagina_PGPP/Trabalhos/EixoTematicoA/307Deribaldo%20Santos_Laura%20Santos.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019; SILVA JÚNIOR, João dos Reis et al (Org.). *Reforma universitária: dimensões e perspectivas*. São Paulo: Alínea, 2006; SILVA JÚNIOR, João dos Reis et al (Org.). *Educação superior no Brasil: tempos de internacionalização*. São Paulo: Xamã, 2010; LEHER, Roberto. Um novo senhor da educação? A política educacional do Banco Mundial para a periferia do capitalismo. *Revista Outubro*, São Paulo, n. 3, p. 19-30, 1998; PEREIRA, João Márcio Mendes. *O Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro (1944-2008)*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2010.

22 BAHIA, Lígia. *O SUS e o setor privado assistencial*: adaptações e contradições. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Estratégicos da FioCruz, 2017; O BRASIL na mira dos investidores. O setor de saúde privada vive a maior expansão de sua história no país. *Exame*, 18 fev. 2011. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/revista-exame/o-brasil-na-mira-dos-investidores/>. Acesso em: 20 jan. 2019.

23 COELHO, Eurelino. *Uma esquerda para o capital*: crise do marxismo e mudança dos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998). Tese (Doutorado em História)–Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005;
NEVES, Lúcia Maria Wanderlei, op. cit.

Scanned with CamScanner

dura da reação conservadora, na pele de grupos fascistoides a violentar manifestantes e a gritar "sem partido".[24]

Os escândalos de corrupção que, dali em diante, vieram a explodir nas mídias erodiram a frágil confiança e a parca estabilidade das instituições políticas da nova república brasileira. Marcada por uma transição mal resolvida, com uma Comissão da Verdade deveras retardada e sem condições adequadas de apuração dos fatos devido ao fechamento dos arquivos militares e da polícia política, nossa república caminhou para a democracia muito entravada e atormentada por fantasmas do passado. A ausência de uma justiça de transição, de uma condenação clara e enfática da ditadura pelo poder público, deu origem a uma democracia pouco valorizada, sem a devida discussão acerca da importância das instituições democráticas, dos canais de participação política e representação social. As instituições de ensino, por seu turno, trabalharam pouco no estímulo a uma cidadania ativa, mantendo ainda por um bom tempo disciplinas incubadoras do controle social, como educação moral e cívica. Os escândalos de corrupção foram a pá de cal em um edifício republicano tão frágil! Geraram descrença generalizada não só em partidos, governos ou personalidades políticas, mas na política em si, como mecanismo de resolução de conflitos e contendas entre grupos sociais, na política como mecanismo de luta e transformação social.

Esse cenário abriu espaço para emergência de indivíduos com propostas extremistas e salvacionistas, que não raro se apresentam como *outsiders*, políticos diferentes, não contaminados por velhas práticas de corrupção e alianças oportunistas, a "velha política". Este é o caso de Jair Bolsonaro, um político que está em cena há aproximados trinta anos, transitando de partido em partido e adotando posições no mínimo polêmicas e controversas. Desde o início de sua carreira política, Bolsonaro passou por nada menos que nove partidos: Partido Democrata Cristão – PDC (1990), Partido Progressista Reformador – PPR (1993-1995), Partido Progressista Brasileiro – PPB (1995-2003), Partido Trabalhista Brasileiro – PTB (2003-2005), Partido da Frente Liberal – PFL hoje Democratas – DEM (2005), Partido Progressista – PP (2005-2016), Partido Social Cristão – PSC (2016-2017) e o Partido Social Liberal – PSL (2018), muitos dos quais afundados em

24 PESTANA, Marco. Cinco anos de Junho de 2013: a perspectiva petista e os dilemas estratégicos da esquerda brasileira. *Esquerda Online*, 16 jul. 2018. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2018/07/16/cinco-anos-de-junho-de-2013-a-perspectiva-petista-e-os-dilemas-estrategicos-da-esquerda-brasileira/>. Acesso em: 23 jan. 2019.

denúncias de corrupção.[25] Durante o processo de *impeachment* da ex-presidenta Dilma Roussef, vieram à tona diversas declarações injuriosas e denúncias de desrespeito e má conduta no Congresso por parte de Bolsonaro. Logo após a vitória nas eleições e sua posse em 1º de janeiro, explodiram escândalos de corrupção, denúncias de caixa dois, depósitos irregulares e relações com a milícia envolvendo o núcleo central do governo.[26]

25 DOAÇÕES a partidos políticos pelas empresas relacionadas na Operação Lava Jato. Disponível em: <http://meucongressonacional.com/lavajato/partidos>. Acesso em: 25 jan. 2019; PP E O PARTIDO com o maior número de deputados investigados no STF. *Congresso em Foco*, 30 mar. 2017. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/pp-e-o-partido-com-o-maior-numero-de-parlamentares-investigados-no-stf/>. Acesso em 25 jan. 2019; PP, O MAIS INVESTIGADO na Lava Jato, só vê seu poder crescer no Brasil. Por quê? *El País*, 26 abr. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/24/politica/1524605415_828915.html>. Acesso em: 25 jan. 2019.

26 AO EXPLICAR R$ 200 mil da JBS, Bolsonaro admite que PP recebeu propina: "qual partido não recebe?". *Jovem Pan Uol*, 23 maio 2017. Disponível em:<https://jovempan.uol.com.br/programas/ao-explicar-r-200-mil-da-jbs-bolsonaro-admite-que-pp-recebeu-propina-qual-partido-nao-recebe.html?fbclid=IwAR1i3NqH7b-JOudvf6JFOPGIeaU7QuRogMnoEnnlHJHB9JAEUUEPPo1K-Zs>. Acesso em 25 jan. 2019; FUNCIONÁRIO fantasma, irmão de Jair Bolsonaro é exonerado. *Exame*, 8 abr. 2016. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/funcionario-fantasma-irmao-de-jair-bolsonaro-e-exonerado/?fbclid=IwAR1tHmWuDiOJx5gZJlaED-sjLESoYAO2HHiHydEbvd51t1UguZ5zFxC3Hqw>. Acesso em: 25 jan. 2019; BOLSONARO EMPREGA servidora fantasma que vende açaí em Angra. *Folha de S. Paulo*, 11 jan. 2018. Disponível em:<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/01/1949719-bolsonaro-emprega-servidora-fantasma-que-vende-acai-em-angra.shtml?fbclid=IwAR0nerMDUiftHf-Rg1DFF1ryS7xL5lOrGezfHwny78UQGOfHsNUNoiWTEuI>. Acesso em 25 jan. 2019; JAIR Bolsonaro, o mito de pés de barro. *Congresso em Foco*. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/jair-bolsonaro-o-mito-de-pes-de-barro/>. Acesso em 25 jan. 2019; ONYX Lorenzoni admite ter recebido dinheiro de caixa dois da JBS. *Congresso em Foco*, 14 nov. 2018. Disponível em:<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/em-video-de-putado-onyx-lorenzoni-admite-ter-recebido-dinheiro-de-caixa-2/>. Acesso em 25 jan. 2019; BRAÇO direito de Bolsonaro admitiu ter recebido caixa 2 da JBS. *Folha de S. Paulo*, 15 out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/braco-direito-de-bolsonaro-admitiu-ter-recebido-em-caixa-2-da-jbs.shtml>. Acesso em: 25 jan. 2019; COAF APONTA 48 depósitos suspeitos na conta de Flávio Bolsonaro, diz TV. *Folha de S. Paulo*, 18 jan. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/coaf-aponta-48-depositos-suspeitos-na-conta-de-flavio-bolsonaro.shtml>. Acesso em 25 jan. 2019; O ELO entre Flávio Bolsonaro e a milícia investigada pela morte de Marielle. *El País*, 22 jan. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/22/politica/1548165508_401944.html>. Acesso em: 25 jan. 2019; EM DISCURSOS, Bolsonaro já exaltou milícias e grupos de extermínio. *O Globo*, 14 out. 2018. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/bernardo-mello-franco/post/em-discursos-bolsonaro-ja-exaltou-milicias-e-grupos-de-exterminio.html>. Acesso em: 25 jan. 2019.

Scanned with CamScanner

Além disso, não é de hoje que Bolsonaro não demonstra real compromisso com a democracia, respeito às instituições republicanas e apreço ao direito à vida e à dignidade humana. Em um programa de televisão conhecido como *Câmera Aberta*, em 1999, Jair Bolsonaro defendeu abertamente a ditadura, fez apologia à tortura, sugerindo inclusive a morte do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.[27] Recentemente, em entrevista dada ao canal *GloboNews* durante a campanha, Bolsonaro admitiu a possibilidade de fechamento do regime. Às vésperas do segundo turno, em um pronunciamento reproduzido em um telão na Avenida Paulista, Bolsonaro prometeu fazer "uma limpeza nunca vista na história desse país", varrendo do mapa os "bandidos vermelhos" [oposição política] do Brasil. Seu destino: exílio, cadeia ou a ponta da praia, conhecido local de fuzilamento durante a ditadura. "Vamos varrer do mapa esses bandidos vermelhos do Brasil. Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia."[28] Outras personalidades centrais do governo, como seu vice, o general Hamilton Mourão, e o então ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, fizeram declarações similares. Mourão defendeu a revogação da Constituição de 1988 em favor de uma nova, feita sem representantes eleitos pelo povo. Em discurso para posse do novo diretor do Inep, o ministro Rodríguez declarou que os militares "corrigiram" os rumos da República durante a ditadura.[29] Bolsonaro reiterou sua posição sobre a ditadura, tortura e assassinato em diversas

27 Jair Bolsonaro defendendo guerra civil, fim do voto e fechamento de congresso. Link do programa *Câmera Aberta* completo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qIDyw9QKIvw&fbclid=IwAR0jXmkJ3uG7MHHlFEP2eayXYqa9rE33y2noAbj4st9usWBzZuJ09rBHoX8>. Acesso em: 25 jan. 2019.

28 BOLSONARO, Jair. [Entrevista]. Globonews, 3 ago. 2018. Link da entrevista completa disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gdtaGzo5AFw&fbclid=IwAR01uFYy-Ifd8q1LFtuVprLK03n-PFpQdmmFKTmhuJZedoG9HcynxLyv1js>. Acesso em: 25 jan. 2019; DISCURSO completo Jair Bolsonaro – Avenida Paulista. 21 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DFBa_K1Es1s>. Acesso em: 25 jan. 2019; BOLSONARO AMEAÇA: "Vamos varrer do mapa esses bandidos vermelhos". Carta Capital, 21 out. 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-ameaca-201cvamos-varrer-do-mapa-esses-bandidos-vermelhos201d/>. Acesso em: 25 jan. 2019.

29 'UMA CONSTITUIÇÃO não precisa ser feita por eleitos pelo povo', diz Mourão. *Estadão*, 13 set. 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,uma-constituicao-nao-precisa-ser-feita-por-eleitos-pelo-povo-diz-mourao,70002501254?fbclid=IwAR3Qu8indUJGwpuW94OAHofEW2jXeJw-GOmFUMBATO9OFF8HhMUbDX-nUqo>. Acesso em: 25 jan. 2019; MILITARES 'corrigiram' rumos da República, diz ministro da

ocasiões, mas principalmente a partir do processo de deposição de Dilma em 2016, quando, durante votação do *impeachment*, ele homenageou o coronel e conhecido torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra. A polêmica sobre a declaração gerou repercussão em torno de sua figura política e de suas ideias; ele foi convidado a participar de diversos programas de rádio e televisão, como do programa *Pânico*, da rádio Jovem Pan, nos quais teve oportunidade difundir suas ideias e capitalizar apoio e simpatia a partir de uma imagem de soldado salvador, cidadão de bem, que posteriormente lhe renderia frutos na eleição. Nessas ocasiões, para além da defesa de governos ditatoriais, Bolsonaro ainda proferiu diversos ataques à oposição e às minorias, agredindo mulheres, gays, negros, devotos de religiões afro-brasileiras e a esquerda como um todo. São conhecidas suas declarações comparando negros a animais, imputando-lhes comportamento promíscuo e criticando cotas raciais; as afirmações de inferioridade da mulher e os ataques à deputada Maria do Rosário, que lhe renderam condenação em processo; a defesa de violência aberta contra LGBTs, que seriam responsáveis pela destruição da família tradicional; referências à esquerda como lixo que deve ser descartado do cenário social.[30]

Tais declarações vêm reforçar os anseios autoritários expressos no projeto do novo governo, bem como o viés ideológico fascista em defesa da eliminação dos diferentes e divergentes, faltando com respeito à diversidade que conforma a sociedade brasileira e o mundo contemporâneo, desprezando direitos humanos mais básicos e não admitindo a existência e a livre expressão e manifestação da oposição política. Não temos, obvia-

Educação. Veja, 25 jan. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/militares-corrigiram-rumos-da-republica-diz-ministro-da-educacao/>. Acesso em: 25 jan. 2019.

30 BOLSONARO EM 25 frases polêmicas. *Carta Capital*, 29 out. 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso em: 25 jan. 2019; 7 VEZES em que gays e mulheres foram alvo de Bolsonaro. Exame, 11 dez. 2014. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/7-vezes-em-que-gays-e-mulheres-foram-alvo-de-bolsonaro/>. Acesso em: 25 jan. 2019; O POVO quer saber: Jair Bolsonaro X Preta Gil, gays e negros. CQC, 28 mar. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9T5ZSAO1MVg>. Acesso em: 25 jan. 2019; BOLSONARO, Jair. Palestra no Hebraica. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LPj4KyLw8Wc>. Acesso em 25 jan. 2019; NÓS, o lixo marxista. *Folha de S. Paulo*, 4 jan. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2019/01/nos-o-lixo-marxista.shtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=compfb&fbclid=IwAR0nIIUe5YRuNIeTVjAXhD2asRyoKcsEpbCFi_-GoNgbHTf-GD_OxMELMyI>. Acesso em 25 jan. 2019.

Scanned with CamScanner

mente, como afirmar se adentraremos um regime fascista no Brasil. Isso dependerá muito das correlações de força daqui pra frente e da capacidade de concretização daquilo que se anuncia, ou seja, uma coisa é a defesa de ideias, outra bem diferente é conseguir implementá-las e construir um novo regime. Mas podemos afirmar com margem de segurança que o projeto político defendido é de caráter fascista. As concepções ideológicas são fascistas, o horror ao outro é fascista, o temor à oposição, ao debate e à discussão de ideias é fascista, a opção por calar e matar é fascista, a opção pela força é fascista. Garantir "consenso" à força, implementar reformas à força, manter a paz e a segurança à bala, humilhar, diminuir e excluir aqueles que não se enquadram no padrão idealizado de humano e de família. Isso é fascismo. Uma política econômica de livre mercado não mudará essa realidade. Não se trata apenas de um problema de discriminação e preconceito. Em algum nível, o liberalismo pode conviver com opressões desse tipo. Não se trata tampouco de opinião. Estamos falando de respeito ao próximo, de tolerância, de direito à vida e à dignidade humana. Estamos falando de direitos individuais. Esses direitos são pilares fundamentais e fundacionais do liberalismo. Liberalismo não se resume ao livre mercado e privatizações. Há todo um conjunto de direitos individuais e políticos desde Locke (1689), que garante a salvaguarda da vida, a tolerância religiosa, o respeito à integridade física dos indivíduos, à liberdade de expressão e pensamento, à livre mobilização e organização política. Bolsonaro e seu grupo político não têm compromisso com nada disso. Sua postura é justamente de ataque à democracia, ao liberalismo e às instituições republicanas que garantiram historicamente o mínimo de civilidade nas relações humanas.

Talvez mais perigoso e imprevisível que o núcleo duro do governo seja sua base. Nela reside certamente o maior desafio daqui em diante, por muitas gerações. Os apoiadores de Bolsonaro formam um conjunto muito difuso, nem todos comungando abertamente de um ideal fascista, porém de alguma forma fazem vistas grossas para seu discurso de ódio explícito. Podemos destacar uma parcela da classe dominante (notadamente a bancada da bala e ruralista, empreiteiros e banqueiros) que está realmente interessada na implementação das reformas trabalhista e previdenciária já anunciadas durante o governo de Temer, mas sob forte crítica. Um governo declaradamente autoritário e sem pudor quanto ao emprego do uso da violência garantiria a implementação das

reformas na base da força. Outra parcela importantíssima é composta por evangélicos, políticos-pastores comprometidos com uma agenda moral conservadora e interesses econômicos afinados com a agenda privatista. Esse setor é o principal responsável pela mobilização de massas nos setores populares em favor de Bolsonaro através do trabalho de base nas igrejas.[31] Há ainda outro grupo formado por uma parcela da classe trabalhadora desesperada por emprego, desacreditada com a política, farta com a corrupção e ansiosa por uma mudança, seja qual for. E, finalmente, um último conjunto de pessoas que comunga efetivamente de ideias fascistas e de concepções eliminacionistas, que nunca teve espaço público para se expressar, mas que, de uns tempos pra cá, com o avanço da onda conservadora e a expansão da cultura do ódio, vem se sentido à vontade para externalizar seu ódio. Elas encontraram em Bolsonaro um representante, uma voz para aqueles sentimentos que gritavam dentro de si, que não eram aceitos publicamente, calados pelo politicamente correto. Essas criaturas e suas ideias não são novas, elas sempre estiveram aí, adormecidas. Bolsonaro as acordou, as exaltou e as convocou a atuar politicamente.

Tais criaturas conformam um grupo enérgico de apoiadores que iniciam timidamente sua mobilização nas ruas e nas redes sociais a partir de 2013, pedindo intervenção militar; engrossam fileiras durante o Golpe de 2016 e formam um verdadeiro movimento de massas na campanha eleitoral em 2018. Os discursos de ódio proferidos por Bolsonaro inflamaram esses sujeitos, incentivando e legitimando ações violentas. Prontos para a guerra, esses sujeitos são verdadeiramente imprevisíveis, uma massa de indivíduos cheios de ódio, capazes de matar, espancar, constranger e intimidar. Confirmada a presença de seu candidato no segundo turno das eleições, explodiram atos de violência em diversas cidades do Brasil, continuando após sua vitória nas eleições e sua posse no início de 2019. A vítimas pertencem justamente aos grupos delineados por Bolsonaro como ameaças, comprometedores do avanço da nação e da preservação da família: negros, indígenas, LGBTs, adeptos de religiões de matriz africana, oposição política, integrantes de movimentos sociais combativos,

31 'A direita ganhou as classes populares. Eles souberam fazer esse trabalho, e a gente se fudeu.' Uma conversa com Gabriela Moura sobre identitarismo nas eleições. *The Intercept*, 4 jan. 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/01/03/direita-classes-populares-identitarismo/>. Acesso em 25 jan. 2019.

Scanned with CamScanner

população mais pobre, especialmente moradores de rua.[32] O projeto de segurança pública defendido pelo governo, ancorado no excludente de ilicitude para a polícia somado à liberação da posse de armas para a população civil, tem como alvo justamente esses grupos. Vemos aqui uma estratégia no sentido de convocar a população civil a perseguir os supostos "inimigos da nação". Da mesma forma, projetos na área da educação e das comunicações, como o Escola sem Partido, atuam no sentido de transformar estudantes, editores, agentes educacionais, pais e parentes em polícia política. É uma estratégia voltada para incentivar uma cultura da delação, na qual as formas mais sutis de controle, repressão e violência são exercidas pelo cidadão comum[33]. Há ainda um projeto de conversão forçada em curso. O desrespeito à cultura e a credos indígenas foi expresso publicamente por Rodrigo Amorim, chamando os índios da Aldeia Maracanã de lixo, e pela ministra Damares Alves ao pedir autorização para evangelizar indígenas.[34] Vemos hoje, de forma mais acentuada que no entre guerras, a privatização da barbárie, a sociedade civil pronta para atuar como polícia política.

32 ELEIÇÕES 2018: Semanas antes do segundo turno, denúncias de agressões se espalham pelo país. *BBC News*, 12 out. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45826628>. Acesso em: 25 jan. 2019; RELATOS sobre agressões por motivação politica crescem nas redes sociais no 2º turno, mostra estudo. *G1*, 12 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/12/relatos-sobre-agressoes-por-motivacao-politica-crescem-nas-redes-sociais-no-2o-turno-mostra-estudo.ghtml>. Acesso em: 25 jan. 2019; MORADOR de rua é atingido por ovos enquanto dormia; jovem suspeito esta em carro de luxo. *O Globo*, 20 dez. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2018/12/20/morador-de-rua-e-atingido-por-ovos-enquanto-dormia-jovem-suspeito-estava-em-carro-de-luxo.ghtml?fbclid=IwAR1Cm1NGO2WAfSKjkY7zfz89Dt4UZTRBvH-X74MEAQtfCeQmqGx9lUwPdV8>. Acesso em: 25 jan. 2019; ALDEIA Maracanã é lixo urbano. Quem gosta de índio, vá para a Bolívia', diz Rodrigo Amorim. *O Globo*, 4 jan. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/aldeia-maracana-lixo-urbano-quem-gosta-de-indio-va-para-bolivia-diz-rodrigo-amorim-23345028?fbclid=IwAR1Jsdfne2X12SFl8eOkalYcGycHnYRKyAQWKZhZTElljnbK04taV2L7zPk>. Acesso em: 25 jan. 2019; NÓS, o lixo marxista, op. cit.

33 Ver: <https://www.programaescolasempartido.org/>. Acesso em: 25 jan. 2019.

34 IGREJA quer liberdade para converter índios. *Valor Econômico*, 11 dez. 2018. Disponível em: <https://www.valor.com.br/politica/6019979/igreja-quer-liberdade-para-converter-indios?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=Compartilhar&fbclid=IwAR0oZPR4gGVAw9DtZ5tTxusthjsj2CxQNnoDNwRvqe1OAURhbeIaNrG82Lo>. Acesso em: 25 jan. 2019.

No tocante à articulação e à mobilização política, é preciso destacar uma diferença importante em relação ao movimento fascista do passado. Vimos que o fascismo procura investir em uma política de sedução, e hoje, mais que nunca, isso passa pelo uso da estrutura de multimídia virtual, como a produção em massa de memes, blog, sites, grupos de compartilhamento de mensagens como WhatsApp, e empresas como a Cambridge Analytica, dedicadas a delinear perfis sucetíveis ao recebimento de informações falaciosas e teorias conspiratórias. Por essas vias, circulam uma infinidade de informações sem nenhum controle de qualidade ou checagem de veracidade – as tão em voga *fake news* –, sendo possível difundir mentiras em tempo recorde, que chegam para uma quantidade inacreditável de pessoas que as repassam, num ciclo infinito.

A extrema-direita e os grupos fascistas no mundo inteiro usam e abusam dessas tecnologias de produção e difusão em massa de mentiras, influenciando processos políticos em todo o globo. Seu grande articulador é o empresário norte-americano Steve Bannon, estrategista de campanha de Donald Trump e ex-presidente da *Breitbart News*, rede de notícias conhecida por divulgar *fake news*, material misógino, racista e xenófobo. Bannon se encontrou com Eduardo Bolsonaro em Nova York ainda em agosto para prestar apoio a Bolsonaro e auxiliar em sua campanha. Outros ícones do fascismo internacional também se pronunciaram em apoio a Bolsonaro, como David Duke, ex-líder da Ku Klux Klan. Foram levantadas suspeitas do envolvimento da Cambridge Analytica no *hackeamento* de dados do Facebook, anunciado pela empresa em pleno processo eleitoral. O Facebook informou que a invasão se deu entre 14 e 25 de setembro, quando foram roubados os dados de 400 mil usuários, obtendo informações sobre 30 milhões de pessoas.[35]

35 GURU da ultra-direita mundial e ex-assessor de Trump atua na campanha das redes sociais de Bolsonaro. *Revista Fórum*, 8 out. 2018. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/guru-da-ultra-direita-mundial-e-ex-assessor-de-trump-atua-na-campanha-das-redes-sociais-de-bolsonaro/>. Acesso em: 25 jan. 2019; A INTERNACIONAL ultra-liberal de Bannon, a ascensão de Bolsonaro e a bomba atômica antipetista. *Revista Fórum*, 12 out. 2018. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/a-internacional-ultra-liberal-de-bannon-a-ascensao-de-bolsonaro-e-a-bomba-atomica-antipetista/>. Acesso em: 25 jan. 2019; AS PISTAS do método 'Cambridge Analytica' na campanha de Bolsonaro. *Carta Capital*, 19 out. 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/as-pistas-do-metodo-201ccambridge-analytica201d-na-campanha-de-bolsonaro/>. Acesso em: 25 jan. 2019; 'ELE SOA como nós': David Duke, ex-líder da Ku Klux

Scanned with CamScanner

Difusão em massa de informações falsas, utilização de estrutura virtual com tecnologia de ponta e o internacionalismo são indubitavelmente traços do fascismo contemporâneo. Constituem também os principais meios de mobilização política. O "fazer política" está se transformando, não é preciso mais necessariamente colocar massas nas ruas, concentrá-las e organizá-las em um partido. É preciso convencê-las das propostas, conquistar seus corações e mentes. A mídia virtual torna-se um canal para o trabalho de base, chega-se às massas rapidamente, mobilizando-as em torno de uma causa. Mas e o controle? Este é feito pela ignorância e pela alienação. Ignorância e alienação são a porta de entrada para a pronta aceitação de informações falsas, muitas vezes esdrúxulas, sem que se procure sequer aferir sua veracidade. Os receptores, mesmo quando defrontados com um discurso racional e com a apresentação de provas que contradizem o boato, se recusam a acreditar. Anti-intelectualismo e obscurantismo são traços típicos do fascismo. Suas lideranças fomentam a descrença na ciência, no racionalismo, nos meios de comunicação tradicionais e respeitados para que só se acredite no que for veiculado por eles ou com sua autorização. O desespero e a descrença das pessoas é tão grande, que elas fecham olhos para informação, para evidências e avaliações de especialistas. Fecham os ouvidos para declarações agressivas, desqualificando mulheres, ofendendo e inferiorizando negros, indígenas, homossexuais e minorias religiosas. Pouco a pouco, vão deixando de se sensibilizar com propostas abertamente racistas, machistas, homofóbicas, xenófobas, pobrefóbicas e autoritárias, apostando no horizonte societário da barbárie.

Um último aspecto digno de ser abordado quanto ao fascismo contemporâneo é o caráter da política econômica defendida. Como vimos na seção teórica, o fascismo histórico esteve ligado a uma crise estrutural do capital, que àquele momento encontrava-se organizado na forma do liberalismo, uma crise do capitalismo liberal, portanto. E ainda que, nos primeiros anos do governo fascista, o ministro italiano Alberto de Stefani tenha apostado em uma política econômica tipicamente liberal, essa saída foi logo abandonada em 1925 e substituída pelo intervencionismo

Klan, elogia Bolsonaro, mas critica proximidade com Israel. *BBC News*, 16 out. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil=45874344-?SThisFB&fbclid-IwAR1Vc0Nm5sj6cKj2KVEPvDAnGV2CsjuSSfWXkViC2kIXxNoP-vFiUny_Pwk>. Acesso em: 25 jan. 2019.

com forte presença do Estado nas atividades econômicas e no controle social.[36] Hoje, temos um cenário distinto, e o neoliberalismo foi justamente o projeto vitorioso quando da crise do paradigma fordista-keynesiano ou desenvolvimentista. E ainda que o sistema internacional tenha sido abalado por crises, como a dos idos de 1997, em 2008 e recentemente em 2012, elas não deram origem a um novo padrão de organização e acumulação de capital, tendo em vista que as soluções encontradas para a superação das crises econômicas têm sido mais austeridade, mais cortes em políticas sociais, em direitos e em programas redistributivos. Mais neoliberalismo, com roupagens levemente diferentes, é o que temos diante nós.[37] Por essa razão, não podemos falar hoje de uma crise do liberalismo. Há uma crise do capital por certo, mas esta não toma a forma de uma crise do neoliberalismo.

Isso ficou bem explícito em nossas últimas eleições. À exceção de Guilherme Boulos (PSOL) e Vera Lúcia (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado – PSTU), candidatos com baixíssima representatividade, todos os demais defendiam a manutenção ou o aprofundamento de uma política econômica neoliberal, ou seja, níveis variados de comprometimento

36 SASSOON, Donald. *Mussolini e a ascensão do fascismo*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

37 Neoconservadorismo: corrente do liberalismo, associada a Daniel Bell, Seymour Martin Lipset, Irving Kristol, Paul Wolfowitz. Defende o livre mercado, a restrição de políticas sociais, limites ao multiculturalismo e uma política externa intervencionista.
Paleoconservadorismo: corrente conservadora do liberalismo, ligada a Paul Gottfried e Pat Buchanan. Critica fortemente as políticas de diversidade e inclusão de minorias, exaltando valores tradicionais, uma moral religiosa, a cultura e a civilização ocidental.
Libertarianismo: corrente bastante radical do liberalismo centrada em maximizar a autonomia dos indivíduos e sua liberdade de escolha. É fortemente crítica da atuação do Estado em âmbitos sociais e econômicos, defendendo sua participação somente nas áreas da segurança pública e da defesa da propriedade.
Anarcocapitalismo ou anarcoliberalismo: a mais radical das correntes do liberalismo, derivada de uma radicalização do libertarianismo ao criticar mesmo a existência do Estado. Toda organização social e defesa dos interesses dos indivíduos deveriam passar pelo mercado, privatizando-se absolutamente tudo, desde bens, até a justiça, a segurança pública, a informação, etc. Essa vertente vem se popularizando através dos escritos de Murray Rothbard, um discípulo de Mises, e da teoria da escolha pública de Edward Stringham.
Neoliberalismo: renovação liberal empreendida após a Crise de 1929. Poderíamos citar a tradição austríaca, com Mises e Hayek; a tradição germânica ou ordoliberal, com Walter Eucken, Wilhelm Röpke, Franz Böhm, Müller-Armack; e a tradição monetarista, com George Joseph Stigler e Milton Friedman.

Scanned with CamScanner

com a agenda econômica neoliberal de austeridade, cortes em políticas sociais, abertura comercial, avanço de privatizações e terceirizações e a implementação das reformas trabalhista e previdenciária. Mesmo Ciro Gomes (Partido Democrático Trabalhista – PDT) e Fernando Haddad (PT), ainda que tivessem diferenças com o projeto apresentado por Temer, não rejeitavam essas reformas de todo.

Diferente do entre guerras, o fascismo hoje é filho do liberalismo! Diante da crise social que se agravava a partir de 2013, insatisfações e demandas que se avolumavam, a burguesia liberal tentou contornar o turbilhão em revolta alimentando e financiando grupos fascistas e o ódio. Fomentou a criação de coletivos conservadores, investiu na formação política e em intercâmbios, propiciou contatos com agências de consultoria, redes de informação, produção de material na mídia, tudo quanto servia ao propósito de conter o povo nas ruas, especialmente a oposição organizada em partidos e movimento sociais, e fazer avançar o golpe. De início, a estratégia surtiu efeito. Presidenta deposta sem a comprovação de crime de improbidade administrativa. Judiciário explicitamente partidário e cada vez mais fortalecido, tomando decisões arbitrárias que beiram à inconstitucionalidade. Uma mídia surda e conivente com abusos de poder. Temer assumiu, levou a cabo o programa de reformas com sucesso relativo. Porém, entraves no Congresso e sua baixíssima popularidade comprometeram a aprovação da Reforma da Previdência. Vieram as eleições, e o candidato do partido tradicional da burguesia simplesmente não emplacou. A candidatura de Geraldo Alckmin (PSDB) foi um fracasso, deixando explícita a incapacidade das frações burguesas de se reorganizar em torno de um projeto de classe, assumindo a direção e o governo de um neoliberalismo "turbinado". As reformas, contudo, precisavam ser aprovadas, ainda que com custo humano significativo e pelas mãos de outro grupo, bem menos civilizado, bem menos republicano e que de liberal só tem mesmo o compromisso com o mercado e nada mais.

O programa que nos foi apresentado pelo governo Bolsonaro configura um ataque direto à Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), já "picotada" pelas brechas da flexibilização. A proposta vem sintetizada na figura da carteira verde e amarela, em substituição à carteira de trabalho azul, e totalmente ancorada no novo regime de trabalho flexibilizado. Nesse regime, segundo o ministro Paulo Guedes, não haverá garantias de 13º salário, férias remuneradas, Fundo de Garantia por Tempo de Serviço

(FGTS), contrato formal, seguro-desemprego, acidente de trabalho ou licença-maternidade. O trabalhador estará completamente vulnerável e não terá nenhum direito de reivindicação, uma vez que os direitos trabalhistas já foram perdidos.

Com declarações do tipo: "O Brasil é o país dos direitos em excesso, mas faltam empregos"; e "O que o empresariado tem dito pra mim, e eu concordo, é o seguinte: o trabalhador vai ter que viver esse dia: menos direitos e [com mais] emprego, ou todos os direitos e desemprego", Bolsonaro diz explicitamente aos interesses de quem ele atende – do empresariado, e não daqueles que vivem do trabalho. Suas declarações sobre o Ministério Público do Trabalho, órgão responsável pela investigação de irregularidades nos ambientes de trabalho, como trabalho escravo, infantil, insalubridade e condições perigosas, são igualmente estarrecedoras. "O Ministério Público do Trabalho, pelo amor de Deus, se tiver clima a gente resolve esse problema. Não dá mais para continuar – quem produz sendo vítimas de ações de uma minoria, mas de uma minoria atuante."[38] Como ele irá "resolver esse problema"? Fechará o Ministério? Não temos como afirmar, mas, por suas declarações, podemos supor que serão obstaculizadas as investigações e quem perde, mais uma vez, são aqueles que vivem do trabalho. Convidado pelo *El País* para participar da reportagem, o sociólogo Ruy Braga rebate:

> "Você tem hoje no país uma taxa alta de desemprego por uma combinação de crise econômica com supercapacidade das empresas. O que cria emprego não é rebaixamento dos contratos, é investimento público e privado", afirma. "Por que um empresário vai ampliar sua planta se não está nem usando toda a capacidade? Esta proposta aumenta a desigualdade e impede que o motor do consumo possa ser um ente dinamizador da eco-

38 BOLSONARO: "BRASIL tem direitos em excesso. A ideia é aprofundar a reforma trabalhista". *El País*, 4 jan. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/22/politica/1540230714_377475.html?fbclid=IwAR2Th1OlDUHZ-IH2N6MA5eUnXOsL3uTaAD0P7pBGE1TLmdD2OV50lg5RZIQ>. Acesso em: 25 jan. 2019; JOICE diz que fim do Ministério do Trabalho vai acabar com sofrimento de empresários. *Blog da Cidadania*, 22 dez. 2018. Disponível em: <https://blogdacidadania.com.br/2018/12/joice-diz-que-fim-do-ministerio-do-trabalho-vai-acabar-com-sofrimento-de-empresarios/?fbclid=IwAR0Q6cT3Rkn2WCgjIm8QL957UB9xQ1YOsF09c538RpUjg5iu-8KT_OHU4-E>. Acesso em: 25 jan. 2019.

Scanned with CamScanner

nomia. Uma proposta como essa não resolve o problema do investimento e piora a situação ao não oferecer ampliação do emprego."[39]

A reforma previdenciária prevista tem como alvo principal os trabalhadores sob o regime da CLT, já que as reformas sobre o funcionalismo público já vieram sendo aprovadas desde o governo de Fernando Henrique Cardoso, em 1996, seguida por mais duas implementadas durante os governos do PT – em 2003 e 2013. A reforma atual tem como proposta a capitalização individual, quebrando a espinha dorsal do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), sistema previdenciário nacional que garante aposentadoria mínima a qualquer cidadão brasileiro.[40] A proposta da capitalização individual vem espelhar a reforma chilena implementada durante a ditadura de Pinochet, que hoje mostra seus resultados em índices alarmantes de suicídios de idosos.

No projeto brasileiro, está sendo discutida a possibilidade de as faixas mais baixas de renda não entrarem no regime. O limite dessa faixa ainda não foi decidido, mas o salário mínimo do Benefício de Prestação Continuada (BPC) não será garantido. Todavia, a chave do problema permanece: com salários achatados e em cenários de grande informalidade e desemprego, a maioria dos trabalhadores não terá como poupar e, ao chegar à idade avançada, não terá como se aposentar. Basta atentarmos para momentos de desemprego que atravessam a vida de qualquer trabalhador para nos darmos conta que mesmo os trabalhadores menos vulneráveis não terão renda necessária e constante para garantir poupança suficiente. Tendo em vista que países latino-americanos têm altos índices de população que vive com renda reduzida e trabalhos sazonais, pode-se imaginar o cenário de miséria extrema com que nos deparemos em um futuro próximo. Esse cenário é certamente cruel para os trabalhadores, mas será amargo também para o empresário, uma vez que o lucro só se materializa na troca, ou seja, com a venda; e num cenário de rendas reduzidas, as vendas tendem a cair. É a construção de uma crise certa e de enormes proporções.

39 BOLSONARO: "BRASIL tem direitos em excesso. A ideia é aprofundar a reforma trabalhista", op. cit.

40 CAPITALIZAÇÃO prevista na Previdência será inspirada no Tesouro Direto. *Valor Econômico*, 10 jan. 2019. Disponível em: <https://www.valor.com.br/brasil/6059181/capitalizacao-prevista-na-previdencia-sera-inspirada-no-tesouro-direto>. Acesso em: 25 jan. 2019.

Como podemos perceber, o atual governo não oferece uma solução para a questão social dramática em que nos encontramos. Ataca direitos trabalhistas e previdenciários que garantem o mínimo de condições de vida, hoje já bastante dirimidas pela crise e por reformas já implementadas. Bolsonaro e sua base votaram a favor do projeto de emenda constitucional (PEC) que congela investimentos em saúde e educação por vinte anos. Bolsonaro votou contra a "PEC das Domésticas". Finalmente, não diz como pretende gerar empregos. A política econômica do governo compromete as condições de vida, mesmo do padrão humano mitificado, e não poupará nem sua base de apoio, o dito "cidadão de bem". Não estamos falando apenas de um governo que persegue abertamente minorias e a oposição, mas que não procura nem mesmo cuidar de seus "arianos"! Estes não serão poupados e irão para o valão com todo o resto de nós, classificados como "lixo". Sim, estamos diante do fascismo, e este hoje tem uma perspectiva ainda mais cruel que no passado.

Scanned with CamScanner